

RESENHA

NEVES, Alexandre. **Judite**. Uma história de pedofilia. Camaçari: A.N. da Silva, 2020.

Gutemberg Armando Diniz Guerra¹
Pensilvânia Diniz Guerra Santos²

A coragem para a escolha do tema é uma virtude germinal de um bom texto. Assumir isso no subtítulo, na capa, é manifestação dessa mesma coragem. Embora venha como romance anunciado na ficha catalográfica, *Judite* vem como história desde o subtítulo e por isso, de pronto, impressiona. Ao procurar em todo o texto a surrada máscara de “qualquer semelhança será mera coincidência”, não achamos. Então é história mesmo e essas histórias são muito sofridas. Lemos o primeiro capítulo, na calada da noite, e calamos por uns dias, digerindo a história do livro e do autor. Contivemos, nesses primeiros dias, nossa curiosidade e tivemos que ser mais disciplinados ainda ao retomar a leitura, porque o segredo principal da trama fica guardado até as últimas páginas. O narrador e a personagem principal têm uma ligação atávica e se imbricam, deixando no ar uma indagação se essa forma é apenas um recurso ou se vai além da empatia que o autor tem pela sua personagem.

Conhecemos Alexandre Neves faz muito tempo, na casa de nossa mãe, em Salvador. Ele era um menino de tenra idade, com oito, dez, doze anos. Fazia visitas esporádicas com sua mãe que cozinhava para nossa amada genitora. O contato se refez muitos anos depois (quantos?), com o anúncio de que Alexandre publicara um livro e que havia exemplares dedicados a nós. Conversamos muito sobre o encontro de anos atrás, da impressão que deixáramos nele por ter conversado, levado ele para passear na praia, no shopping center, na cidade de Salvador. Mais do que isso, pelo estímulo que lhe havíamos feito à leitura, mostrando e doando livros, comentando sobre o assunto.

Judite, uma história de pedofilia traz uma tensão muito forte ao longo de toda a narrativa, em fatos tabus narrados com detalhes. Violência contra mulheres de tenra idade e adultas. O destaque é para a pedofilia que vem anunciada desde o título, mas há, durante a narrativa, caso de traição, estupro, espancamentos, agressões morais e físicas, extrapolando o que o título pretende circunscrever.

Alexandre Neves consegue uma performance muito interessante em sua narrativa com o uso de recursos que dinamizam sua obra e que certamente lhe deram algum trabalho. A exposição em capítulos que fogem à cronologia linear é um desses pontos da elaboração do texto em torno do abuso feito à pequena Judite. Que lógica terá estabelecido ele para que assim fosse? O tempo gasto na construção do texto e a cobertura temporal que ele propõe de 12 longos anos, deixa uma interrogação: o que terá ele mudado nesse longo período de elaboração? Que recuos, censuras, revelações ele terá feito e exercitado nesse período? Que ligações vivenciais tem o autor e sua personagem?

Outro ponto que merece destaque é o cuidado com as passagens erotizadas, mesmo quando as cenas têm a exposição explícita de consumação do ato sexual. A cena em que Leda se

¹ Professor associado do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. Instituição/Afiliação: Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br.

² Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialista em Literatura Infantil e Leitura. Instituição/Afiliação: Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: pensilvaniadiniz@gmail.com.

entrega a Mário em ato concupiscente de traição a Mairon é muito mais um gesto ativo de Leda do que de Mário.

Aceitar a linguagem adulta de Judite, sua postura emancipada do ponto de vista da idade que ele explicita como 8 aninhos no ano do fato gerador da maior tensão do romance é um ponto vulnerável do texto. O convencimento pode vir ao assumirmos a empatia que o próprio Alexandre demonstra com a vítima. Não existe dor menina, dor criança. Dor é dor e atravessa todo o tempo da existência humana, principalmente essa que se dá com a violência do estupro, do ato forçado antecipando ou atribuindo libidos que ainda não se revelaram.

Sabemos que agressões dessa natureza (pedofilia) ocorrem em todos os segmentos sociais. Choca-nos o fato de que o incesto seja uma das formas mais comuns e, no caso narrado, de forma brutal por figuras cuja função imediata está associada à proteção. Pai e avô são cúmplices do crime hediondo do qual Judite é a principal vítima, mas não de menor importância o que sofre Leda por seu marido! Os agressores se apresentam reivindicando atenuantes como a doença, no caso de Barnabé, violador de Judite, Mairon, traído por Judite. Nem a doença, nem a traição justificam a violência.

Ficamos tentando enquadrar essa obra em uma das gavetas de critérios de classificação. É uma peça de denúncia, de resistência, de superação, embora assuma que a ferida continua aberta.

O cenário é rural, em um contexto de trabalho e cotidiano camponeses do interior da Bahia, e foca na localidade nomeada como Vale de Tororó, cuja sede é a cidade de Massapê. Sair do circuito local é ir muito longe, pelo que sugere Alexandre, a lugares que não merecem ser nominados, genericamente identificados como Sul. Um pouco mais de elaboração poderia nomear esses lugares com mais carga de verossimilhança, o que a nosso ver daria força ao romance inaugural de Alexandre Neves.

A capa, de autoria de Uanderson Pereira, é um trabalho que evoca elementos marcantes do ponto de vista semiótico, e que estão no texto, representa e dialoga com o texto: uma garota negra, abraçada a um livro ou caderno escolar, de olhos fechados com lágrimas escorrendo na face, em fundo sombrio com figuras que lembram garras ameaçadoras, como se o livro ou o caderno fossem a sua única proteção.

No texto, a garota se relaciona com livros e tem na biblioteca de sua escola um refúgio. Pratica, depois de violentada, escrever nas últimas páginas em branco de livros, o que aconteceu com ela. É como se essa história nunca tivesse abrigo nos livros, nas bibliotecas e como se as últimas páginas em branco dos livros estivessem lá aguardando que as pessoas escrevessem o que lhes falta, às pessoas e aos livros.

Recomendamos leitura a pessoas envolvidas com o tratamento de crianças e mulheres que tenham sofrido esses tipos de violências tanto quanto aos amantes da literatura, em particular àqueles que nela se iniciam, buscando dar densidade romanesca aos nossos problemas cotidianos, no qual a violência infantil e feminina é muito evidente.

O livro pode ser adquirido diretamente com o autor pelo endereço alexandreescreve@hotmail.com.

Data de submissão: 15. 07. 2020

Data de aprovação: 15. 07. 2020